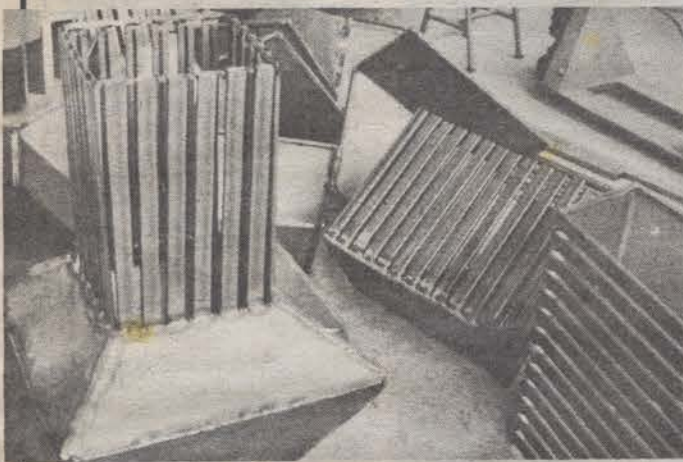


O espaço exterior ressoa no interior dos trabalhos patentes na Galeria Novo Século

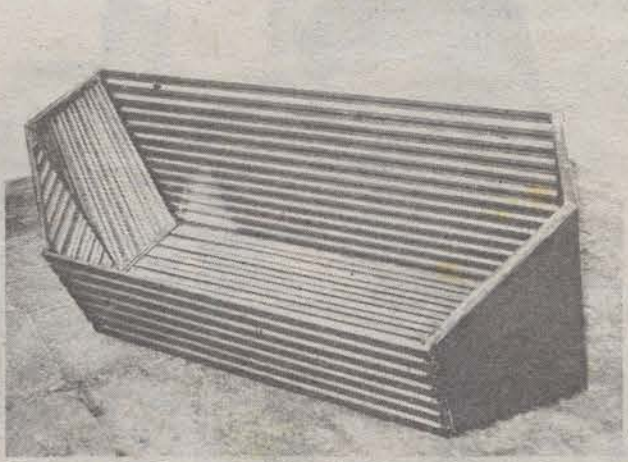
A exposição acrescenta um novo e fundamental elemento às anteriores esculturas de Luís Cruz: a multiplicação das leituras ou perspectivas que cada peça desdobra

Texto
JOSÉ SOUSA MACHADO

Fotos
FERNANDO FERREIRA



O dinamismo que as esculturas aparentam ter resulta do movimento do espectador em redor delas



A alteração dos materiais não determinou nenhuma ruptura com o sentido profundo do percurso anterior de Luís Cruz

O QUE REVELA OU PRODUZ

A té que ponto a mudança de materiais pode ser determinante na definição do percurso de um escultor, apontando-lhe novas possibilidades de evolução e clarificando aspectos menos evidentes no caminho já percorrido?

Como é que se processa esse movimento de fusão entre o artista e a sua obra, essa espécie de fenómeno de mimetismo, que reclama dos materiais e daquilo que eles oferecem como possibilidades artísticas a definição de um rosto incomparável para o escultor, moldando os traços da sua personalidade única na dureza ou maciez que os materiais proporcionam, na sua opacidade ou transparência?

Há casos evidentes em que certo tipo de material é um ónus para o escultor mais do que o garante da sua contínua e desejável evolução, mas como é que poderemos definir essa fronteira virtual que envolve no mesmo movimento opções estritamente técnicas, que só dependem do conhecimento das técnicas correctas para trabalhar os materiais, e opções mais abrangentes e decisivas que configuram o próprio conceito do que é a arte (porque nem tudo o que se faz «artisticamente» se enquadra neste conceito) nas

suas múltiplas relações com o tempo histórico e a experiência humana?

As questões que começo por colocar à consideração não são inocentes. Decorrem da aparente radicalização de opções formais que a exposição individual de Luís Cruz, patente na Galeria Novo Século, introduz na imagem que o escultor nos tinha oferecido de si mesmo em exposições anteriores, nomeadamente na última que realizou na mesma galeria na temporada anterior.

Nessa altura as peças apresentadas eram de ardósia, exclusivamente, enquanto na actual exposição as esculturas são construídas em ferro e vidro (espelho). Qualquer uma das duas exposições é excelente, mas a relação de continuidade entre elas é que não é, à primeira vista, tão evidente.

Penso até que no caso de Luís Cruz, o trabalho em ardósia não tinha sequer esgotado as possibilidades de evolução artística do escultor. Pelo contrário. Esboçava o início de um percurso aliciante, original e sensível manifesto na capacidade de conjugar as características da ardósia em estado bruto inseridas em estruturas arquitectónicas, num equilíbrio nitidamente atípico.

Esse trabalho, aliando numa mesma peça os veios da ardósia unicamente polidos, integrados em construções muito rigorosas formalmente, definiam objectos

onde a sensibilidade esvoaçante e quase volátil era sujeita a uma regra de ouro, cartesiana e racional. Era nesse equilíbrio entre a liberdade sensível e a solidez de pensamento que se jogava a riqueza do trabalho de Luís Cruz.

Curiosamente, é também aí, mas de outro modo, que a actual exposição funciona. É mais subtil a relação entre o processo estruturante construtivo, submetido a regras precisas, e a sensibilidade. É também mais eficaz a exposição em termos estritamente formais e, sobretudo, acrescenta um novo e fundamental elemento às anteriores esculturas: a multiplicação de leituras ou perspectivas que cada escultura desdobra (o escultor diz «reproduz») na sua relação com o espectador e com o espaço em que existe, interferindo nele subtilmente sem contudo perder o seu fechamento formal originário, a dimensão de interioridade, neste caso, especificamente sensível. O espaço exterior ressoa no interior das actuais esculturas de Luís Cruz, através do jogo que os espelhos estabelecem entre si e no interior de cada uma delas. O dinamismo que estas esculturas aparentam ter resulta mais do movimento do espectador em seu redor do que de qualquer pretensão nesse sentido. É o próprio lugar onde estão colocadas que é absorvido, sugado para uma nova vida que se organiza respeitando as re-

gras específicas da escultura, enriquecendo o espaço de interioridade artística que instauram, num vaivém de equilíbrios e perspectivas, também atípicos, que determinam. Só depois deste primeiro momento de fusão com o exterior é que se inicia a propagação do seu sentido profundo que, apesar disso, é sempre um sentido de interioridade enriquecido pelo contacto com a realidade tornada alimento e vida da escultura.

A alteração de materiais não determinou portanto nenhuma ruptura com o sentido profundo do percurso anterior deste escultor. Iluminou o seu campo de acção que, a cada nova exposição, procurará nos materiais, como convém, as características que mais facilmente aproximam o escultor das soluções formais que satisfazem a exigência de sentidos que coloca. Mas há um aspecto a considerar nesta súbita mudança da ardósia para o ferro, com as inevitáveis implicações formais. É a vertigem que move o artista, no sentido em que promove a multiplicação de perspectivas ou leituras, como se cada escultura pretendesse ser o espelho fragmentado e difuso da totalidade.

(Galeria Novo Século. Rua do Século, 23-A Lisboa. De terça a sábado, das 14.00 h às 20.00).